

JOVENS AGENTES PELO DIREITO À EDUCAÇÃO – JADE

PROGRAMA

DE

FORMAÇÃO



2007

SUMÁRIO

- 1. Introduçãop. 3**
- 2. Jovens Agentes pelo Direito à Educação: uma proposta de formaçãop. 4**
- 3. Relato do percurso formativo..... p. 8**
- 4. Algumas considerações finais.....p. 40**

1. INTRODUÇÃO

O projeto Jovens Agentes pelo Direito à Educação (JADE) teve como objetivo a elaboração de diretrizes para políticas públicas de educação em escolas de ensino médio, a partir de processos de diálogo entre estudantes e seus familiares, professores de escolas públicas, diretores, funcionários, integrantes da comunidade, agentes governamentais e sociedade civil.

A iniciativa foi desenvolvida considerando as profundas transformações que ocorrem atualmente neste nível de ensino: ampliação do acesso de adolescentes e jovens e, ao mesmo tempo, baixa qualidade expressa nos altos índices de evasão e reprovação e nos índices de rendimento escolar.

Para refletir sobre a escola de ensino médio necessária frente aos desafios atuais, apostamos na criação de um espaço de trabalho coletivo junto a cinco escolas públicas estaduais¹, e junto a um grupo de 20 jovens a elas vinculados.

Os jovens passaram por um processo de formação intensivo para realizar um trabalho de pesquisa, mobilização e debate com as escolas e seus diferentes segmentos. O objetivo foi capacitar um grupo de jovens para construir opiniões e posicionamentos sobre a escola pública e as políticas de educação, e para envolverem outros segmentos em reflexões coletivas sobre a educação que se tem e a educação que se deseja construir. Neste processo, ação e formação foram dimensões entrelaçadas e concomitantes.

O programa de formação teve caráter experimental e sua realização gerou muitos aprendizados. Este documento pretende partilhar alguns destes aprendizados, as apostas realizadas e os resultados alcançados. Esperamos que possa também ser um subsídio para abrir o debate sobre o lugar da formação e da ação de jovens no âmbito das iniciativas escolares e das políticas educacionais.

¹ E. E. Moacyr Campos, E. E. Profº João Dias da Silveira, E. E. Reverendo Urbano de Oliveira Pinto, E. E. Aroldo de Azevedo e E. E. Padre Nildo do Amaral Júnior.

2. JOVENS AGENTES PELO DIREITO À EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO

A formação dos Jovens Agentes pelo Direito à Educação (os “jades”) se estruturou num intenso processo educativo, com carga horária de 214 horas, sendo 164 horas presenciais, com encontros realizados na sede da Ação Educativa, e 50 horas não-presenciais em que os participantes realizaram atividades de estudo e pesquisa, boa parte delas nas próprias escolas.

Foram objetivos da formação:

- Capacitar os jovens no tema da educação, com foco específico no ensino médio.
- Capacitar os jovens como mobilizadores do debate sobre educação através da metodologia dos “grupos de diálogo”.
- Propiciar vivências práticas que ampliem os conhecimentos e habilidades dos participantes.
- Desenvolver capacidades exigidas pelo mundo do trabalho (comunicação, leitura e escrita, diálogo, negociação, iniciativa, planejamento).
- Promover o desenvolvimento dos jovens no âmbito pessoal, profissional e político.

A formação dos jovens foi organizada em módulos, com cargas-horárias diferenciadas, que correspondiam a diferentes dimensões de aprendizagens. Os participantes eram moças e rapazes que estavam cursando o ensino médio ou já tinham se formado, nesse caso alguns já estavam na universidade².

O ponto de partida da formação foi a retomada das trajetórias escolares dos próprios jovens para então tematizar algumas questões centrais do debate educacional tais como: elementos históricos da educação escolar, diferentes níveis de ensino e seus públicos, sistema público de ensino, legislação e defesa de direitos. Foi dada especial atenção ao ensino médio e seus desafios para responder às demandas e às necessidades de aprendizagens da população adolescente e juvenil.

²Um estudante de Letras, uma estudante de Nutrição e uma de Serviço Social, sendo estas duas últimas bolsistas do ProUni (Programa Universidade para Todos).

Os jovens também foram preparados para experimentar duas estratégias de intervenção nas escolas. A primeira consistiu na realização de uma pesquisa de opinião com 880 estudantes das escolas parceiras, e a segunda, na realização de grupos de diálogo.

A formação buscou equilibrar momentos de estudo e debate na Ação Educativa com a realização de ações e experimentações nas escolas, contando com monitoria, interlocução e avaliação. Ao invés de oferecer uma formação e, posteriormente, incentivá-los a implementar algum tipo de ação, elaboramos uma proposta em que a reflexão-ação-reflexão buscou se entrelaçar de forma contínua.

A viabilidade prática desse trabalho, que põe em diálogo ação e reflexão, exigiu um planejamento prévio dos responsáveis pela formação e a definição *a priori* do trabalho prático a ser realizado pelos jovens. Nesse sentido, desta vez, não adotamos uma estratégia que tem se tornado convencional em experiências de formação não-escolar dirigidas a jovens no Brasil em que, via-de-regra, há um incentivo para que os participantes elaborem planos e projetos de maneira autônoma e sem critérios previamente estabelecidos. Isso não implicou, contudo, na construção de um programa fechado, que não considerasse intervenções e a capacidade criativa dos jovens, mas, certamente circunscreveu seu campo de ação.

Os jovens desenvolveram atividades previamente acordadas com o conjunto das escolas parceiras, contando com professores referência nas unidades educativas as quais estavam ou foram vinculados e que os auxiliaram no desenvolvimento de atividades decorrentes da formação. Essa estratégia também permitiu que fossem dimensionadas as habilidades e atitudes necessárias para o desenvolvimento das iniciativas e traçados os perfis dos jovens, suas necessidades de aprendizagens e potencialidades.

Tabela 1: Tópicos da formação

Tópico I <i>Os ciclos de vida e os níveis de ensino</i>	
Temas	Aprendizagens
<ul style="list-style-type: none"> • Elementos históricos da educação escolar; • Os diferentes níveis de ensino e seus públicos: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; • A condição juvenil; • Jovens e demandas educativas: desafios do ensino médio; • Pesquisa de opinião: amostra, questionário e trabalho de campo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar a educação escolar ao perfil e às necessidades de seus diferentes públicos; • Capacidade de refletir historicamente sobre a situação atual da escola pública; • Analisar a especificidade da juventude e o sentido da escola na vida dos jovens; • Falar publicamente com desenvoltura; • Dar orientações de maneira clara e compreensível; • Dividir e cumprir tarefas em grupo, de modo que todos trabalhem de forma colaborativa.
<p>PRODUTOS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS: 1. Entrevistas com professores sobre suas visões a respeito dos estudantes. 2. Pesquisa quantitativa “Olhares para o ensino médio”.</p>	
Tópico II <i>Ensino médio: histórico, panorama atual e perspectivas</i>	
Temas	Aprendizagens
<ul style="list-style-type: none"> • A luta pelo direito à educação no Brasil; • Constituição de 1988; Lei de Diretrizes e Bases da Educação; Plano Nacional de Educação; • Ensino médio no Brasil: histórico, marcos legais e reforma da década de 90; 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar, relacionar e avaliar as informações contidas em textos legais, normativas com recomendações e diretrizes; • Estabelecer relações entre os diferentes marcos legais, sua complementaridade e contradições. • Relacionar normas, diretrizes, leis com experiências reais – identificando

	mecanismos de exigibilidade de direitos;
PRODUTOS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS: 1. Levantamento de casos de violação do direito à educação.	
<i>Tópico III</i> <i>A metodologia dos “grupos de diálogo” e as oficinas nas escolas</i>	
Temas	Aprendizagens
<ul style="list-style-type: none"> • A metodologia Choice Work Dialogue (grupos de diálogo) • Pesquisa e intervenção no espaço escolar • O exercício de registrar e sistematizar: atas, textos jornalísticos, descrição, texto analítico • Análise de dados quantitativos • Pesquisa quantitativa e qualitativa: características, diferenças e possibilidades de análise • Análise de dados e produção de recomendações para o ensino médio 	<ul style="list-style-type: none"> • Condução e moderação de grupos de diálogo • Reflexão e construção de diagnósticos a partir de pesquisa participativa e de falas consensuais • Elaboração de registros escritos a partir de debates; produção de relatórios a partir de registros escritos • Elaboração de propostas e recomendações a partir de resultados de pesquisas • Planejamento, organização e realização de trabalho coletivo • Conhecer e discutir as visões de educação dos diversos segmentos escolares • Leitura de tabelas e porcentagens, construção e verificação de hipóteses • Estabelecimento de relações entre variáveis, construção de argumentos e elaboração de análise com coerência
PRODUTOS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS: 1. Realização dos Grupos de Diálogos nas cinco escolas parceiras; 2. Produção de recomendações para o ensino médio	

3. RELATO DO PERCURSO FORMATIVO

A descrição, que segue agora, cumpre o objetivo de explicitar o percurso formativo realizado pelos vinte jovens participantes do projeto Jovens Agentes pelo Direito à Educação (JADE). As atividades foram organizadas para possibilitar aos jovens: revisitarem e re-significarem suas trajetórias escolares, compreenderem o sentido da educação escolar no mundo contemporâneo, tomarem contato e compreenderem a luta em defesa dos direitos educacionais e experimentarem duas estratégias de produção de conhecimento e mobilização social (pesquisa quantitativa e grupos de diálogo). Queremos também apresentar alguns insumos para que profissionais envolvidos com atividades educativas possam experimentar essa reflexão com seus estudantes jovens.

Assim, o texto, a partir de agora, concilia momentos de explicitação dos objetivos e conceitos com as estratégias metodológicas empregadas, dicas de textos, filmes e músicas que nos auxiliaram neste trabalho educativo.

TÓPICO 1: *Os ciclos de vida e os níveis de ensino*

Os ciclos de vida. O que a escola tem a ver com isso?

Os dois primeiros meses de formação foram dedicados à reflexão sobre os sentidos da educação escolar, suas especificidades e organização, sendo que especial atenção foi dada aos níveis de ensino e o trabalho com diferentes ciclos de vida, que correspondem a um conjunto de demandas sociais e especificidades dos sujeitos educandos.

Tal perspectiva foi assumida pois apostamos que se tratava de uma estratégia interessante para que os jovens, de largada, pensassem sobre a invisibilidade da condição juvenil no nível médio, cuja discussão e reflexão se constituía em objetivo central para o projeto em curso³.

Assim, após a apresentação da proposta de formação, dos objetivos do projeto e dos próprios participantes, por meio de atividades e dinâmicas, a formação buscou fazer com que os participantes percebessem que diferentes áreas do conhecimento têm se detido

³ A Ação Educativa tem chamado a atenção para o fato de que há um descompasso entre escola e alunos jovens, que se explicita tanto em manifestações de desinteresse ou agressividade por parte de alunos, como na insatisfação de educadores com relação ao trabalho que realizam. Nesta perspectiva vem desenvolvendo projetos de aproximação entre o “mundo escolar” e o “mundo juvenil” e produzido materiais a respeito, como os livros “O encontro das culturas juvenis com a escola” e “Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores”.

aos desafios da ação de educar e, nesse sentido, especial ênfase tem sido dada aos fatores que contribuem para a compreensão dos mecanismos que permeiam situações de aprendizagem e de como os sujeitos aprendem.

Os campos da Psicologia da Educação e, mais recentemente, da Sociologia da Educação têm avançado no esforço da produção de conhecimento sobre essas temáticas, contudo, o foco desses estudos tem-se centrado no reconhecimento das especificidades das crianças e de adultos.

A educação de jovens e adultos no Brasil consolidou a concepção de que o adulto não escolarizado ou pouco escolarizado é um sujeito que transita pela cultura e que as múltiplas dimensões da sua vida influenciam seu processo de aprendizagem. Vejamos a preocupação da pesquisadora Martha Kohl de Oliveira, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo:

“O adulto, no âmbito da educação de jovens e adultos, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo. (...) Refletir sobre como esses adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais”⁴.

Esse reconhecimento foi fundamental para que a alfabetização de adultos, bem como todo o processo educativo envolvendo esses sujeitos, lançasse mão de estratégias de ensino que tomam como ponto de partida o universo de saberes e conhecimentos dos estudantes, suas trajetórias e experiências culturais, seus interesses e domínios. O exemplo mais emblemático desse reconhecimento se deu com Paulo Freire, que empregou na alfabetização de adultos, a utilização de vocabulários próprios da cultura do educando para, a partir daí, vislumbrar situações mais amplas e diversificadas de produção de conhecimentos.

⁴OLIVEIRA, M.K. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. Set-Dez, 1999.

Por sua vez, o campo voltado à educação de crianças tem acumulado saberes acerca das diferentes fases de desenvolvimento cognitivo e psico-motoro, sobre as condições mais satisfatórias para o desenvolvimento da ação educativa (salas, número de alunos, espaços lúdicos e propícios para a brincadeira), sobre as habilidades e competências desejáveis para o educador, entre outras. Assim, as políticas e as ações destinadas à Educação Infantil, mesmo que com problemas de natureza diversa, encontram-se hoje ancorados na preocupação com especificidades deste momento do ciclo de vida: a infância.

Na discussão com os jovens utilizamos um excerto de um guia indicado para educadores de creche⁵. Ele traz recomendações para a ação educativa com crianças, que evidenciam também visões sobre a infância e os princípios que devem nortear sua educação.

Esta creche respeita criança

Critérios para a unidade creche:

- Nossas crianças têm direito à brincadeira;
- Nossas crianças têm direito à atenção individual;
- Nossas crianças têm direito a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante;
- Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza;
- Nossas crianças têm direito à higiene e à saúde;
- Nossas crianças têm direito a uma alimentação sadia;
- Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão;
- Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos;
- Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade;
- Nossas crianças têm direito a expressar seus sentimentos;
- Nossas crianças têm direito a uma especial atenção durante seu período de

⁵ Outro texto disponibilizado para a leitura foi: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Escolarização e brincadeira na educação infantil. (<http://www.fe.usp.br/laboratorios/labrimp/escola.htm>).

adaptação à creche;

- Nossas crianças têm direito a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa.

CAMPOS, Maria Malta. Esta creche respeita a criança: critérios para a unidade creche. IN: **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Ministério da Educação e do Desporto / Secretaria de Educação Fundamental, 1995. (p.11)

Após a apresentação deste quadro, foi solicitado aos jovens que produzissem as mesmas recomendações, mas desta vez, para adolescentes e jovens.

Brincar, desenvolver a identidade, expressar-se, empregar a curiosidade, entre outros, também são situações que, na opinião dos participantes, se converteriam em boas recomendações para as escolas dirigidas aos jovens. Mas por que não são?

Apontou-se que, na educação básica, na medida em que nos distanciamos da condição infantil das crianças, o centro da educação se desloca para a transmissão dos conteúdos, e as especificidades dos sujeitos são diluídas. Uma atividade foi empregada para aprofundar essa reflexão: a realização de uma linha do tempo registrando a trajetória escolar dos participantes.

Trajatórias na escola

Objetivo: Produzir uma linha do tempo em que os participantes re-visitem sua experiência pessoal nos diferentes níveis da educação escolar.

Procedimentos: Distribuir uma folha de flipchart ou cartolina para cada participante. Solicitar que eles desenhem uma linha do tempo, conforme modelo abaixo. Solicitar que na parte cima da linha do tempo, os jovens descrevam as principais características de funcionamento, estrutura, conteúdo e atividades desenvolvidas em cada nível de ensino. Na parte de baixo, devem pontuar a idade em que freqüentaram esses níveis de ensino e as lembranças de sensações, sentimentos e desejos que possuíam naquele período. Depois, os jovens devem partilhar sua produção e, reunidos em grupo, devem verificar o que há de comum e de diferente entre as experiências. Abrir uma roda e solicitar que os grupos partilhem os resultados das discussões.

Material disponibilizado: flipchart ou cartolina, canetas piloto, giz de cera, réguas.

Tempo: 1h30

Educação Infantil	Ensino Fundamental (1ª até 4ª série)	Ensino Fundamental (5ª até 8ª série)	Ensino Médio
•	•	•	•

Os jovens produziram um vídeo sobre uma experiência emblemática na escola, quando ainda eram crianças. Os vídeos tratavam sobre os medos e os conflitos vividos por eles/elas quando foram para a escola pela primeira vez, das dificuldades de interação com colegas e da centralidade do lúdico e da brincadeira. Também abordaram a luta de seus pais por vagas e matrículas em creches e escolas de Educação Infantil.

Por meio deste trabalho, foi possível desenvolver uma boa discussão sobre a organização das escolas, considerando os diferentes níveis de ensino; perceber as visões que a sociedade brasileira possui acerca da criança e os ecos dessas percepções na organização da escola e no trabalho dos professores. Mas e os jovens? Quem são eles e que visões possuem as outras pessoas, em especial os professores, sobre esses sujeitos?

O primeiro passo dado para discutir quem são os jovens foi um levantamento com o próprio grupo sobre o tema. Para isso, recorreremos à dinâmica de “chuva de idéias”.

Chuva de idéias

Objetivo: Fazer com que os jovens reflitam sobre a condição juvenil e a situação dos jovens brasileiros.

Procedimentos: Distribuir tarjetas com três cores diferentes para cada um dos jovens. Solicitar que, por escrito, eles respondam as seguintes questões: a) que característica melhor define a juventude? b) em uma palavra, como você definiria o jovem brasileiro? c) pensando na sua vida como jovem, quais são os três principais problemas que são enfrentados hoje pela sua geração?

Defina com os jovens a cor da tarjeta que deverá conter a resposta para cada espaço e na lousa, elabore uma tabela para organizar as respostas deles. Após a apresentação, agrupe as tarjetas de cada tópico por similaridade. Promova uma discussão com os participantes sobre os pontos mais comuns, indagando-os sobre situações que lhes permitem fazer essas afirmações.

Material disponibilizado: tarjetas de três cores e canetas piloto.

Tempo: 30'

A partilha das respostas permitiu constatar uma visão bastante ambígua da juventude: são rebeldes, mas não lhes faltam causas; são curiosos, mas se interessam pelo que há de pior na sociedade. Por sua vez, a visão sobre os jovens brasileiros foi bastante negativa: incoerentes, perdidos, violentos e alienados foram alguns adjetivos empregados para definir os jovens do país. E, no que diz respeito aos problemas, três foram mais recorrentes: desemprego, violência e educação.

Para discutir a **condição juvenil**, tentamos elaborar com os jovens uma linha de vida imaginária que distinguiu os diferentes momentos do ciclo de vida. O trabalho consistiu em inquirir os jovens sobre como é que esses momentos também caracterizam uma experiência singular no mundo da cultura, da vida social e na construção da autonomia. Após o levantamento das visões dos jovens, também foi interessante a consulta ao dicionário para que os jovens pudessem verificar como socialmente essas etapas e ciclos de vida são definidos.

<ul style="list-style-type: none"> • Infância <p>1. Período da vida, no ser humano, que vai desde o nascimento até a adolescência; meninice. 2. As crianças em geral.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Juventude <p>1. Idade moça; mocidade, adolescência, juventa. 2. a gente moça; mocidade. 3. fase do ciclo de um lago na qual este recebe mais água do que perde e por isso tem maior duração.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Adulto <p>1. Diz-se do indivíduo que atingiu o completo desenvolvimento e chegou à idade vigorosa; 2. que atingiu a maioridade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Velhice <p>1. Condição ou estado de velho. 2. Idade avançada. 3. Período que, na vida do indivíduo, sucede à idade madura.</p>
---	---	---	---

Essa atividade foi bastante profícua, posto que os jovens promoveram um esforço particular para construírem um sentido próprio para a condição juvenil. A discussão envolveu a reflexão deles sobre o fato de que a condição juvenil não é vivenciada de uma mesma forma por todas as gerações. Seus pais, por exemplo, quando jovens já eram casados, e seus avós/avôs já tinham filhos/as.

Mais interessante foi a percepção do grupo de que ser jovem é estar aberto a experimentações mais autônomas do que aquelas vivenciadas na infância e de que a dimensão do risco é algo salutar nesse processo – dissociado da idéia de violência, mas conectado às possibilidades de transgressão. Ao mesmo tempo, essa experimentação e implicação do risco exigiriam, em tese, uma “rede” de proteção para que as escolhas e experimentações possam ser realizadas.

“Eu acho que o que define (juventude) é o risco. Eu não estou falando do envolvimento com as drogas, nem de violência. É se arriscar mesmo, tomar uma decisão e ver no que dá. Fazer escolhas e experimentar aquilo que a gente nunca fez”.

“Para mim, o que fica de mais importante nesse debate é a idéia da rede de proteção. Acho que a metáfora do equilibrista cabe para a gente. A gente não quer se esborrachar no chão, quer andar no fio e alegrar a platéia, mas precisa de uma rede que dê segurança”.

Com o intuito de explorar um pouco mais essas dimensões apresentadas pelo grupo, foram distribuídas as letras de duas bandas nacionais, que, de alguma maneira, tratam da questão.

Aloha

Legião Urbana

Será que ninguém vê
O caos em que vivemos?
Os jovens são tão jovens
E fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece
perceber
Eu tenho um coração
Eu tenho ideais
Eu gosto de cinema
E de coisas naturais
E penso sempre em sexo, oh yeah!
Todo adulto tem inveja dos mais jovens
A juventude está sozinha
Não há ninguém para ajudar
A explicar por que é que o mundo
É este desastre que aí está
Eu não sei, eu não sei
Dizem que eu não sei nada
Dizem que eu não tenho opinião
Me compram, me vendem, me estragam
E é tudo mentira, me deixam na mão
Não me deixam fazer nada
E a culpa é sempre minha, oh yeah!
E meus amigos parecem ter medo
De quem fala o que sentiu
De quem pensa diferente
Nos querem todos iguais
Assim é bem mais fácil nos controlar
E mentir, mentir, mentir
E matar, matar, matar
O que eu tenho de melhor: minha esperança
Que se faça o sacrifício
Que cresçam logo as crianças

O Velho E O Moço

Los Hermanos

Deixo tudo assim.
Não me importo em ver a idade em mim,
Ouço o que convém.
Eu gosto é do gasto.
Sei do incômodo e ela tem razão
Quando vem dizer que eu preciso sim
De todo o cuidado.
E se eu fosse o primeiro
A voltar pra mudar o que eu fiz.
Quem então agora eu seria?
Ahh tanto faz! E o que não foi não é,
Eu sei que ainda vou voltar... Mas, eu quem
será?
Deixo tudo assim, não me acanho em ver
 vaidade em mim.
Eu digo o que condiz.
Eu gosto é do estrago.
Sei do escândalo e eles têm razão.
Quando vem dizer que eu não sei medir,
nem tempo e nem medo.
E se eu for o primeiro
a prever e poder desistir do que for dar
errado?
Ahhh, ora, se não sou eu quem mais vai
decidir
o que é bom pra mim?
Dispensar a previsão.
Ahhh, se o que eu sou é também
o que eu escolhi ser aceito a condição.
Vou levando assim.
Que o acaso é amigo do meu coração
Quando falo comigo, quando eu sei ouvir...

Ouvir as músicas e discutir suas letras fez emergir a necessidade de uma solidariedade adulta para com a condição juvenil, inclusive dentro da escola. Os jovens falaram da necessidade de conhecer os mundos, lidar com temas candentes para as suas

vidas, contarem com possibilidades de criar, experimentar e rever escolhas. Por outro lado, também se destacou a existência de uma percepção dos jovens como sujeitos passíveis do desvio e como aqueles para os quais o passado não tem dado respostas para seus desafios do presente.

Para problematizar as percepções muitas vezes estereotipadas que a sociedade atribui aos jovens foi proposta a seguinte atividade:

Uma reflexão sobre rótulos e estereótipos

Objetivos: A atividade visa refletir sobre o quanto a imagem que temos dos jovens influencia a relação que estabelecemos com eles.

Procedimentos: Preparar previamente etiquetas adesivas em que estejam escritos adjetivos positivos e negativos, geralmente atribuídos aos jovens. Por exemplo: inteligente, esforçado, esperto, curioso, preguiçoso, alienado, intolerante etc. As pessoas devem circular pela sala enquanto as etiquetas são coladas nas costas de cada um (ou de alguns se o grupo for muito grande). Deve-se tomar o cuidado para que não vejam o que está escrito em suas costas.

Todos continuam circulando e, ao lerem a palavra nas costas de um colega, dirigem-se a ele dando ordens, ignorando ou solicitando coisas como se ele fosse aquilo que está escrito na etiqueta.

Depois de 5 minutos, abre-se o círculo e cada um tentará adivinhar qual o rótulo/característica colada em suas costas, baseando-se no tratamento recebido dos outros. Se não adivinhar, o grupo releve seu rótulo. Depois que todos tiverem falado, abre-se a discussão. O que sentiram e pensaram? O que a atitude do outro provocou em cada um? A visão que o outro tem de nós influencia a construção da nossa auto-imagem e auto-estima? A forma como os outros nos tratam influencia nosso comportamento?

Material utilizado: etiquetas

Duração: 1h00

Essa atividade suscitou grande discussão e parte das visões apresentadas inicialmente na “chuva de idéias” foram postas em xeque. A noção de preconceito e de estereótipo foi previamente discutida com o grupo⁶. Foi importante refletir sobre a origem de suas visões sobre a juventude, e sobre os motivos que os levaram a não se reconhecer nos adjetivos que formularam nas tarjetas.

⁶ De acordo com o dicionário Michaelis (2000): **Preconceito** – 1 Conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados. 2 Antipatia ou aversão a outras raças, religiões, classes sociais etc. **Estereótipo** – 1 Argumento ou idéia já muito conhecida e repetida a respeito de um acontecimento ou pessoa. 2 Coisa trivial.

Discutimos que um primeiro passo para quem quer discutir juventude no Brasil é identificar de qual juventude estamos falando. Falar deste grupo pode parecer uma tarefa fácil, uma vez que o termo é corrente no nosso vocabulário e tem uma definição no senso comum. Convivemos com jovens ou somos jovens e temos nossas opiniões a respeito das características, das questões, dos problemas ou das virtudes da juventude. Convivemos diariamente com instituições que disseminam impressões sobre quem são e como vivem as moças e os rapazes.

Com frequência, a imagem dos jovens é permeada por estereótipos e por um conjunto de idéias bastante contraditórias sobre a vivência da condição juvenil. É comum, por exemplo, que comerciais e propagandas explorem a imagem da juventude, associando os sujeitos jovens à saúde, ao desprendimento, à liberdade e à espontaneidade. Por outro lado, nos noticiários da TV, podemos observar uma percepção bastante negativa dos jovens, atrelando suas imagens, sobretudo de negros e pobres, ao desvio, à desordem social e à violência.

Esta contradição está no fato da nossa sociedade, por um lado, ser “juventocêntrica”, já que a juventude tornou-se um modelo cultural valorizado e consumido por todos, mas por outro lado, produzir preconceitos e estereótipos que são reiterados em relação aos jovens concretos. Um exemplo é a idéia de irresponsabilidade e imaturidade visivelmente difundida para falar do conjunto dos jovens, enquanto que, a violência e o desvio são estigmas que recaem para grupos específicos da população juvenil (negros, pobres, moradores da periferia das grandes cidades).

Como atividade não-presencial, os participantes deveriam ler um texto⁷ sobre a condição juvenil para localizar novos subsídios para entendê-la, distinguindo, inclusive, condição de situação. Para orientar a leitura foi disponibilizado um roteiro: a) quais são as principais idéias do texto sobre juventude e os jovens? b) do texto, que questões mais lhe interessaram? c) como você relaciona algumas idéias do texto com aquilo que você vivência no seu cotidiano?

Para contextualizar a situação dos jovens no Brasil, utilizamos os resultados da pesquisa Retratos da Juventude Brasileira, realizado em 2003⁸. Os dados evidenciam os desafios que os jovens encontram para se inserir: trabalho, violência e educação. Ao mesmo tempo, apresentavam os temas que os jovens gostariam de discutir com pais e

⁷ Os jovens leram o Capítulo 1 do livro “Diálogos com o mundo juvenil: um guia para educadores”, CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. São Paulo – Ação Educativa, 2005.

⁸ Parte da pesquisa e as tabelas empregadas no debate encontra-se disponível no site www.projetojuventude.org.br.

outros representantes do mundo adulto, como os professores. Os questionamentos dos jovens foram: temos espaço para discutir essas questões? Onde é que resolvemos nossas questões sobre o mundo do trabalho e a violência?

Para refletir sobre o lugar da escola diante dos desafios vivenciados pelos jovens o grupo assistiu ao filme “**Pro dia nascer feliz**”, do diretor João Jardim, que apresenta a vida de adolescentes de três estados brasileiros, que frequentam escolas distintas e constroem percursos escolares e de vida bastante diferenciados. Eles falam de suas vidas na escola, seus projetos e inquietações. Após a exibição promovemos um debate e os jovens produziram pequenos comentários sobre a produção.

Na seqüência os jovens desenvolveram uma atividade nas escolas parceiras do projeto, produzindo um breve levantamento sobre as impressões dos professores sobre os jovens e sobre os desafios e potencialidades de educá-los no ensino médio. O questionário aplicado aos professores consta no ANEXO 1.

Escola... para quê?

O objetivo deste tópico formativo foi sensibilizar os jovens para o fato de que há **objetivos específicos na educação escolar**: socializar as novas gerações de maneira sistemática a partir de saberes selecionados da cultura. Também queríamos que os jovens compreendessem que o êxito deste processo está conectado, em boa medida, à compreensão dos desafios que os sujeitos enfrentam concretamente para viver coletivamente e se desenvolver individualmente. Nesse sentido, apostou-se na perspectiva de que os saberes escolares, por um lado, devem responder ou ser postos a serviço dos educandos e de suas vidas concretas; por outro, de que as seleções feitas para a construção de um currículo escolar correspondem a valores e construtos que são socialmente reconhecidos como elementos que devem ser herdados pelas novas gerações.

Para iniciar essa discussão mais uma vez fizemos uma “chuva de idéias” com os jovens, de modo que eles pudessem explicitar suas opiniões e percepções sobre a função social da escola e suas especificidades. Iniciar o debate desta forma decorre do fato do reconhecimento de que os jovens possuem uma trajetória escolar e que, ao longo delas, construíram sentidos, significados e valores para essa experiência. Além disso, tal estratégia é bastante útil para que os jovens possam se aproximar, num segundo momento, da obra de autores e teóricos do campo e, assim, confrontem suas visões com aquelas que influenciaram, ao longo da história, a construção da instituição escolar.

Chuva de idéias

Objetivo: Fazer com que os jovens reflitam sobre os diferentes espaços de aprendizado, suas dinâmicas, funções sociais e institucionalidades.

Procedimentos: Distribuir tarjetas com três cores diferentes para cada um dos jovens. Solicitar que, por escrito, eles respondam as seguintes questões: “Na sua opinião, o que aprendemos nas seguintes espaços: “família”, “escola” e “grupo de amigos”? Defina com os jovens a cor da tarjeta que deverá conter a resposta para cada espaço e na lousa, elabore uma tabela para organizar as respostas dos jovens. Após a apresentação, agrupe as tarjetas de cada tópico por similaridade. Promova uma discussão com os jovens sobre os pontos mais comuns, indagando-os sobre como percebem essas aprendizagens acontecendo no dia-a-dia.

Material disponibilizado: tarjetas de três cores e canetas piloto.

Tempo: 30’

Duas conclusões derivaram desta dinâmica: a) No decorrer da vida, nossos contatos com instituições e espaços que contribuem para a nossa formação como pessoa vão se alargando, ou seja, enquanto sou criança, a família e a escola são instituições privilegiadas na construção de referências que nos orientam, mas no decorrer dos anos, outros espaços passam a influenciar também; b) família, igrejas, mídia, grupos de amigos, associações, entre outros, atuam na educação dos jovens, mas a escola tem uma especificidade que decorre da realização de um processo intencionalmente organizado, contando com legislações, regulamentos específicos e com profissionais especialmente formados para este fim.

A família, por exemplo, se constitui como espaço em que se dão as primeiras aprendizagens, em que nos conectamos a uma língua, acessamos os primeiros códigos de conduta, entre outros, numa relação marcada pela dimensão afetiva.

Por seu turno, a escola se constitui em um alargamento dessas aprendizagens e em um contato mais aprofundado com os códigos sociais que são considerados importantes. Além disso, é marcada por uma relação que envolve profissionais especificamente formados para o desenvolvimento desta aprendizagem, sem que, com isso, estejam deixadas de lado relações de solidariedade, respeito e afeto.

As relações entre amigos(as) também foram apresentadas como significativas e geradoras de aprendizagem, apesar de mais fluídas e menos orientadas por uma hierarquia

entre jovens e adultos. Elas também foram destacadas pela sua possibilidade de trocas e partilha de experiências e identificação de novos códigos que não são partilhados pelos adultos.

Com o intuito de dar continuidade à discussão sobre a escola e sua função social, distribuímos um excerto de um texto bastante conhecido de Hannah Arendt.

SOBRE A EDUCAÇÃO...

“Os pais humanos, contudo, não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo. Eles assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo. Essas duas responsabilidades de modo algum coincidem; com efeito, podem entrar em mútuo conflito. A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração.” (p. 235)

“Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é. Em todo caso, todavia, o educador está aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que é.” (p.239)

“A fim de evitar mal-entendidos: parece-me que o conservadorismo, no sentido de conservação, faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo. Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é aí assumida implica, é claro, uma atitude conservadora. Mas isso permanece válido apenas no âmbito da educação, ou melhor, nas relações entre adultos e crianças, e não no âmbito da política, onde agimos em meio a adultos e com iguais.” (p.242).

“O mundo, visto que feito por mortais, se desgasta, e, dado que seus habitantes mudam continuamente, corre o risco de tornar-se mortal como eles. Para preservar o mundo contra a mortalidade de seus criadores e habitantes, ele deve ser, continuamente, posto em ordem. O problema é simplesmente educar de tal modo que um por-em-ordem continue sendo efetivamente possível, ainda que não possa nunca, é claro, ser assegurado. Nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta;” (p.245)

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em

vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.” (p.247)

ARENDR, Hannah. Crise da Educação. IN: Entre o passado e o futuro. (5a edição). Editora Perspectiva – São Paulo, 2003 (p. 221-247).

Cada jovem fez uma leitura individual de todos os excertos e depois, dividiram-se em grupos para realizar uma discussão. Após a apresentação de cada grupo, foi realizada uma explicação por parte da educadora. Os jovens também receberam um texto complementar, que serviu de subsídio para a retomada da discussão no encontro posterior⁹.

O debate culminou na reflexão sobre a necessidade de interação entre aqueles que estão na sociedade há mais tempo e aqueles que estão iniciando sua história no mundo da cultura. Sem essa interação, esse mundo, como apresenta o texto de Hannah Arendt, estaria condenado e, cada geração, teria que forjar novas maneiras de se comunicar, de encontrar sentido para as coisas, de estabelecer regras de conduta, dentre outros.

Para materializar essa necessidade de interação entre velhos e jovens solicitamos que os jovens imaginassem como se comunicariam sem a existência de um código de comunicação, como, por exemplo, a Língua Portuguesa.

⁹CARVALHO, J. S. F. A Crise na Educação como crise da modernidade. Revista Educação - Especial Hannah Arendt Pensa a Educação, São Paulo, p. 16 - 25.

Apresentando uma chaleira para um E.T.

Objetivo: Fazer com que os jovens reflitam sobre as dificuldades de comunicação entre grupos que não partilham uma mesma experiência cultural e seus códigos de comunicação.

Procedimentos: Dividir o grupo em equipes e propor o seguinte desafio: uma nave extraterrestre veio à Terra, seus tripulantes desembarcaram numa cozinha e a primeira coisa que viram foi uma chaleira. A tarefa de cada equipe é encontrar formas para que esses seres compreendam quais são os usos dessa “coisa”. É importante considerar que eles não falam português e nenhum outro idioma que se conheça neste planeta.

Cada grupo deve pensar numa estratégia. Esse exercício pode durar até uma hora. Os jovens podem pensar em várias estratégias, por isso, é importante disponibilizar a maior quantidade possível de insumos. Após a apresentação da estratégia de cada grupo discuta com eles: quais foram as estratégias utilizadas? Qual função da linguagem? O que é falar para alguém sobre alguma coisa que não faz parte da sua cultura? Que outras funções nós poderíamos inventar para uma chaleira?

Material disponibilizado: chaleira, giz-de-cera, canetas coloridas, folhas de papel craft, entre outros.

Tempo: 2h00

* A chaleira pode ser substituída por qualquer outro utensílio: panela de pressão, giz, brinquedo de criança, entre outros, roupa de frio ou de banho, entre outros.

Se a escola cumpre um papel tão importante e ao mesmo tempo básico, por que ela se encontra tão fragilizada?

Sobre esse aspecto, os jovens levantaram várias hipóteses: falta de sentido sobre aquilo que crianças e jovens aprendem na escola, aulas pouco dinâmicas, pouca conexão entre os conhecimentos escolares e o mundo real, desinteresse dos estudantes e falta de estrutura das escolas. A única certeza era de que alguma coisa estava errada e de que faltava definir o que é preciso mudar para que os jovens possam efetivamente aprender na escola.



Pesquisa quantitativa: o que os jovens esperam do ensino médio?

Depois de construir algumas reflexões sobre a educação escolar na sua relação com os jovens, nos dedicamos a uma tarefa de fôlego que consistiu na organização de uma pesquisa de opinião, de caráter quantitativo, nas cinco escolas parceiras. O objetivo da pesquisa foi identificar as perspectivas, sentidos e significados de ensino médio segundo os jovens estudantes como subsídio para que toda equipe e parceiros envolvidos no projeto pudessem refletir sobre os rumos e o currículo daquele nível de ensino.

Os jovens participaram de uma formação oferecida pela equipe do Instituto Paulo Montenegro (IPM) – braço social do IBOPE, uma importante organização de pesquisa no Brasil.

Participaram da elaboração do questionário, receberam noções sobre composição de amostra, os procedimentos de aplicação do instrumento, relatório de campo e realização de “filtro” dos questionários. Além disso, sempre com o apoio da Ação Educativa, conduziram a organização e aplicação da pesquisa nas escolas, desde a arrumação das salas até a orientação para os respondentes e negociação com professores¹⁰

¹⁰Uma dica para quem quiser conhecer mais sobre a utilização da pesquisa de opinião na escola é consultar o Manual do projeto Nossa Escola Pesquisa sua Opinião (Nepso), desenvolvido pela Ação Educativa em parceria com o Instituto Paulo Montenegro. Ele encontra-se disponível para download no site www.ipm.org.br

A pesquisa foi um momento de inflexão no processo de formação, pois ela levou os jovens à uma prática intensa e à uma imersão dentro da escola. Os jovens gostaram muito da experiência, apesar do pouco tempo que tivemos para ela. Dentre os aprendizados obtidos, foram destacados o contato com os alunos, a necessidade de expressar-se em público e dar orientações com clareza, o desafio de uma ação nova, a superação dos obstáculos iniciais e a necessidade de fazer ajustes e correções durante a aplicação da pesquisa nas escolas, o que exigiu boa dose de criatividade e capacidade de negociação entre outros aspectos. Foi uma oportunidade importante para compreender um pouco mais do funcionamento da escola a partir de uma outra posição.

TÓPICO 2: *Ensino médio: histórico, panorama atual e perspectivas*

O objetivo deste tópico foi historicizar a situação atual da escola pública e, especificamente, do ensino médio. A construção das legislações e marcos legais foi abordada a partir dos contextos sociais e da luta da sociedade civil organizada para a ampliação dos direitos educacionais.

Inicialmente, o trabalho realizado buscou situá-los na movimentação social a partir da década de 1980, período marcado pela redemocratização do país e pela intensa luta pela efetivação dos direitos educativos de todos os brasileiros.

Vários recursos foram utilizados para que os jovens compreendessem aquele momento político e cultural, como filmes, letras de músicas e documentos históricos.

A letra da música “Até quando esperar”, do grupo de rock Plebe Rude, e “Comida”, do grupo Titãs, foram apresentadas aos jovens como exemplos das novas expectativas sociais trazidas com o fim da ditadura, mas também da ausência de consensos sobre o que fazer para que o país se desenvolvesse: garantir direitos para todos ou esperar o crescimento e depois distribuir as riquezas culturais, econômicas e sociais?

Até Quando Esperar

Não é nossa culpa

Nascemos já com uma bênção

Mas isso não é desculpa

Pela má distribuição

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração

Com tanta riqueza por aí, onde é que está

Cadê sua fração

Posso

Vigiar teu carro

Te pedir trocados

Engraxar seus sapatos

Posso

Vigiar teu carro

Te pedir trocados

Engraxar seus sapatos

Sei

Não é nossa culpa

Até quando esperar	Nascemos já com uma bênção
E cadê a esmola que nós damos	Mas isso não é desculpa
Sem perceber que aquele abençoado	Pela má distribuição
Poderia ter sido você	Com tanta riqueza por aí, onde é que está
Com tanta riqueza por aí, onde é que está	Cadê sua fração
Cadê sua fração	Com tanta riqueza por aí, onde é que está
Com tanta riqueza por aí, onde é que está	Cadê sua fração
Cadê sua fração	Até quando esperar
Até quando esperar a plebe ajoelhar	A plebe ajoelhar
Esperando a ajuda de Deus	Até quando esperar
Até quando esperar a plebe ajoelhar	A plebe ajoelhar
Esperando a ajuda de Deus	Esperando a ajuda do divino Deus

(Plebe Rude, 1985)

Comida

Bebida é água
 Comida é pasto
 Você tem sede de que?
 Você tem fome de que?

A gente não quer só comida,
 A gente comida, diversão e arte
 A gente não quer só comida,
 A gente quer saída para qualquer parte
 A gente não quer só comida,
 A gente quer bebida, diversão, balé
 A gente não quer só comida,
 A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água
 Comida é pasto
 Você tem sede de que?
 Você tem fome de que?

A gente não quer só comer,
 A gente quer comer e quer fazer amor
 A gente não quer só comer,
 A gente quer prazer pra aliviar a dor
 A gente não quer só dinheiro,
 A gente quer dinheiro e felicidade
 A gente não quer só dinheiro,
 A gente quer inteiro e não pela metade

(Titãs, 1987)

Também foram trazidos textos e imagens representativas daquele momento político, em especial, documentos que diziam respeito às discussões em torno da educação

brasileira, do número de pessoas que acessavam as escolas na época e das bandeiras dos movimentos sociais. Mobilizadora foi a discussão sobre a experiência da cartilha Poronga, um material didático produzido pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), organização que posteriormente se desmembraria e daria origem à Ação Educativa. A cartilha foi utilizada para a alfabetização de seringueiros da região norte do Brasil, que lutavam por seus direitos.

Essa experiência sensibilizou bastante os participantes para as diferentes estratégias de luta pelo direito à educação e conectou-a a outras reivindicações sociais, como é o caso do direito à terra, pelo fim da exploração do trabalho e pelo direito à moradia; abriu para eles a possibilidade de perceber que em meio às lutas que possuíam expressividade na mídia da época ocorriam lutas no campo, na floresta e por pessoas comuns que também reivindicavam educação¹¹.

O Projeto seringueiro

Com a proposta do Sindicato de Xapuri de se criar cooperativas agroextrativistas, surgiu a necessidade de que os seringueiros soubessem ler, escrever e contar. O Projeto Seringueiro foi criado para levar a alfabetização a vários pontos da floresta, o que contribuiria com a organização autônoma dos seringueiros. Iniciado em 1981, com a assessoria do Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia, da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), além da antropóloga Mary Allegretti, o projeto coordena, hoje, dezenove escolas e vários monitores. Tendo como material didático a cartilha Poronga (lanterna que o seringueiro utiliza na escuridão da floresta), procura-se chegar à alfabetização através das palavras mais utilizadas pelos próprios seringueiros (mata, paxíúba, borracha, empate etc.), ou seja, considerando a realidade sócio-cultural local. Estima-se que mais de mil seringueiros já foram alfabetizados, além dos conhecimentos adquiridos também na área de saúde preventiva, onde se procura educar os trabalhadores no trato com seu próprio corpo através de seis postos de saúde nos seringais.

Publicado na Revista "Chico Mendes" pelo STR de Xapuri, CNS e CUT em janeiro de 1989.

Como nasce uma escola

Os seringueiros de uma determinada área ou comunidade, junto com a delegacia sindical avalia a necessidade da criação de uma escola. É feito um levantamento do número de crianças e adultos que querem estudar; a comunidade escolhe os dois monitores; é escolhido o local, fazem adjunto (mutirão) e constroem o barraco (escola). A partir daí é

¹¹ Na ocasião do debate, a emissora Globo de televisão estava transmitindo a mini-série Amazônia (<http://amazonia.globo.com>), que narrava a história do Estado do Acre, inclusive da luta dos seringueiros e de um de seus líderes, Chico Mendes, assassinado em 1988.

feito contato, reuniões, discussões com a equipe do PS de Rio Branco para o curso de formação de monitores e junto com a comunidade é decidido que dia começam as aulas, quais os dias de "funcionamento" da escola, etc.

O "funcionamento" da escola depende do ritmo do trabalho dos companheiros, da distância das colocações para o local da escola, da dinâmica e vida da própria comunidade. Algumas só funcionam aos finais de semana, outras durante a semana para as crianças e aos sábados e aos domingos para os adultos. A distância é grande, tem criança que caminha (Ida e volta) 4 horas diárias. Algumas escolas tem merenda (convênio com a FAE), outras cada pessoa leva sua farofa.

Publicado no jornal "O ARIGÓ" nº7 03/88.

Foi com este pano de fundo que foi apresentada a Constituição de 1988 e suas principais resoluções em relação à educação.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 26, de 2000)

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade.

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência,

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º - O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

Foi importante verificar que as leis e direitos não resultam da benevolência de algum grupo, mas resultam de um intenso processo histórico em que estão em jogo diferentes visões de mundo e forças políticas. Cenas, imagens e textos que retratavam a constituinte davam dimensão para eles de quem eram os atores e do que estava em jogo na época.

Os jovens relacionaram o panorama da década de 80 com os artigos do Capítulo III da Constituição e destacaram temáticas suscitadas por essa articulação/reflexão:

- Gestão democrática
- Relação entre qualidade X igualdade e projeto pedagógico
- Acesso
- Financiamento
- Plano Nacional de Educação
- Ensino Profissionalizante

Na seqüência, foi organizado um painel de relatos com representantes de diferentes iniciativas de defesa do Direito à Educação. Foram apresentados o Fórum de Educação da Zona Leste, os Programas Observatório da Educação e Ação na Justiça – Ação Educativa e a Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

Os jovens puderam conhecer as linhas de atuação dessas iniciativas, como organizam suas atividades, as dificuldades enfrentadas e as conquistas obtidas a partir dos processos de mobilização. O Programa Ação na Justiça propôs que os jovens do JADE identificassem casos de violação de direito à educação, para que a partir dos dados coletados, o Programa possa inspirar a abertura de inquéritos civis.

FÓRUM DE EDUCAÇÃO DA ZONA LESTE

O Fórum de Educação da Zona Leste se constituiu em 1993, com a finalidade de lutar por nova qualidade de ensino, ensino público para todos (com extinção do analfabetismo), democratização da gestão da escola, melhoria salarial dos profissionais da educação, maiores recursos orçamentários para o ensino fundamental e médio.

É um fórum de debates que reúne principalmente, mas não exclusivamente, profissionais e estudantes de escolas de educação básica e líderes comunitários. Sua importância está sobretudo em contribuir para a compreensão da problemática educacional, condição indispensável para ações eficazes. Mais ainda, o Fórum procura colocar em debate aspectos de políticas educacionais com as pessoas comuns (...).

A realização dos debates do Fórum tem o fim deliberado de construir o diálogo entre o poder público e a sociedade civil, promovendo o entendimento indispensável para políticas educacionais adequadas às nossas necessidades.

PROGRAMA OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO – AÇÃO EDUCATIVA

O Observatório da Educação parte da premissa de que a educação pública de qualidade é um direito humano e social. Seu objetivo geral é ampliar e qualificar o controle social das políticas públicas de educação pela sociedade, promovendo o pensamento crítico, a pluralidade de pontos de vista e contribuindo para conferir abrangência e rigor ao debate público sobre a educação no Brasil, de modo a subsidiar a formação de opinião e a ação política dos diversos atores sociais.

Objetivos Específicos:

- Dar visibilidade às questões emergentes na conjuntura, produzindo e disseminando informações, opiniões e análises a respeito das mesmas;
- Incentivar o debate sobre questões polêmicas, explicitando as diferentes posições e opiniões;
- Acompanhar a ação e a dinâmica de instâncias de controle social no âmbito das políticas educacionais;
- Influenciar a cobertura das políticas educacionais pela imprensa.

PROGRAMA AÇÃO NA JUSTIÇA

O Projeto Ação na Justiça luta pela universalização do direito à educação pública de qualidade, através de cinco linhas de ação:

1. Difusão do conceito da Educação como Direito Humano;
2. Produção e democratização da informação sobre os mecanismos de justiciabilidade;
3. Formação de atores;
4. Recurso aos Sistemas de Justiça, nacional ou internacionais, em ações paradigmáticas e/ou coletivas;
5. Fortalecimento da Perspectiva de Justiciabilidade em Redes de Defesa e Promoção de DhESC.

CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO

A Campanha Nacional pelo Direito à Educação representa a ação de mais de 120 instituições de todo o Brasil, incluindo ONGs nacionais e internacionais, sindicatos, universidades, secretárias e secretários de educação e organizações estudantis e juvenis. A Campanha quer efetivar os direitos educacionais garantidos por lei, por meio de ampla mobilização social, para que todo cidadão e cidadã brasileiros tenham acesso a uma escola pública de qualidade.

Apesar de termos uma Constituição avançada que afirma o direito à educação e de termos declarações internacionais que reafirmam esse direito, o contingente de pessoas sem acesso à escola e sem acesso à qualidade de ensino é alarmante.

Em outubro de 1999 foi lançada a Campanha Nacional pelo Direito à Educação, que busca garantir o direito que toda cidadã e todo cidadão têm a uma Educação pública de qualidade.

A Campanha busca disseminar amplamente o conceito de educação enquanto direito humano fundamental e tem como focos de ação o aumento do financiamento para a educação pública, a valorização do magistério e a ampliação dos processos participativos em educação. Todos esses focos se relacionam com o seu principal desafio: a qualidade da educação pública (<http://www.campanhaeducacao.org.br>)

Em momento posterior a discussão voltou-se para a especificidade do ensino médio através da contextualização das principais políticas públicas e, sobretudo, da apresentação da situação atual bastante marcada pela Reforma realizada no final dos anos 90. A pesquisa da Unesco, realizada em 2003, foi um importante subsídio para delinear os sentidos atuais da escola de ensino médio e para identificar as três principais expectativas sociais que atualmente se voltam para ele: formação para o trabalho, formação para o

ingresso no ensino superior e formação para a cidadania. Estes foram os três caminhos apresentados aos estudantes na pesquisa quantitativa e nos grupos de diálogo, realizados posteriormente.

Art. 35 da LDB – Finalidades do Ensino Médio

I – consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

TÓPICO 3: A metodologia dos “grupos de diálogo” e as oficinas nas escolas

Os Grupos de Diálogo desenvolvidos no âmbito do projeto JADE foram inspirados em uma metodologia denominada *choicework dialogue* (“grupos de diálogo”), de origem canadense. O contato da Ação Educativa com tal estratégia de trabalho se deu no âmbito da pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia*, coordenada pelos institutos Polis e Ibase, em 2005. A iniciativa foi pioneira no uso desse instrumento que consiste na realização de encontros, cujo intuito é promover um diálogo coletivo e deliberativo sobre um tema de relevância social (saneamento básico, educação, trabalho, saúde, trabalho etc). Os grupos de diálogo buscam a construção de consensos que refletem as visões e posicionamentos da sociedade civil visando à orientação de políticas públicas.

Os encontros são orientados por procedimentos bastante específicos que implicam: o levantamento de problemas e necessidades; a disponibilização de subsídios que permitam o nivelamento de saberes sobre o assunto entre os participantes; a identificação de caminhos possíveis para a resolução da questão e o posicionamento, por meio da construção de consensos, sobre a melhor forma de proceder. Todo o processo é conduzido por facilitadores e envolve uma cuidadosa sistematização e registro dos encontros.

No âmbito do projeto JADE a metodologia Grupo de Diálogo foi utilizada como estratégia para que estudantes e comunidades escolares avaliassem caminhos possíveis para orientar mudanças no currículo do ensino médio, sobretudo a partir da possibilidade de conectar a formação dos jovens às suas necessidades de aprendizagem.

Foram apresentados três caminhos para a orientação do currículo e das políticas no ensino médio:

- **Caminho 1:** ensino médio que forma para o trabalho
- **Caminho 2:** ensino médio que forma para o ingresso no ensino superior
- **Caminho 3:** ensino médio que forma para a vida e para a cidadania

Os grupos de diálogo foram utilizados como uma estratégia de pesquisa-ação, que permite a mobilização e o encontro de pessoas, seu envolvimento ativo na reflexão sobre questões do seu cotidiano e a produção de consensos e posicionamentos que sirvam como subsídio para a ação das escolas, e também para a orientação das políticas. Os jovens “Jades” foram formados para mobilizar, facilitar e sistematizar as atividades dos grupos de diálogo, inclusive aqueles que envolveram pais, professores, diretores, funcionários e dirigentes de ensino.

Nos meses de agosto e setembro, os encontros concentraram-se na preparação dos jovens para a condução dos grupos, e na sua avaliação e sistematização.

Na medida em que passavam a ter contato com uma outra metodologia, agora qualitativa, foi importante refletir sobre sua especificidade e diferenças em relação à pesquisa quantitativa.

Helicóptero e caminhadas

Objetivo: Refletir com os jovens possíveis diferenças entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa.

Descrição: Solicitar que o grupo divida-se em dois. O **Grupo 1** representa um grupo de pessoas que alugou um helicóptero para ter uma vista panorâmica do bairro em que moram. O **Grupo 2** é um grupo de pessoas que preferiu caminhar pela mesmo bairro.

Sugerir as seguintes ações para cada um dos grupos:

Grupo 1: O grupo está sobrevoando todas escolas do bairro, quais são as semelhanças e diferenças? Agora, acompanha a movimentação de uma grande avenida, tentando observar o fluxo de carros e ônibus que passam por ela; por fim, descobriram uma manifestação dos

moradores.

Grupo 2: O grupo foi até uma escola da região e fez observações sobre essa unidade. Agora, foi até um ponto de ônibus e aguarda a condução batendo papo com outras pessoas que também aguardam o transporte; por fim, o grupo acabou se deparando com uma manifestação de moradores no meio de uma rua.

Após essas orientações para cada um dos grupos, solicite que descrevam as possibilidades e limitações de cada uma das viagens.

Material: flipchart e canetas piloto.

Tempo: 40'

A apresentação dos grupos foi bastante animada e permitiu que eles percebessem as diferentes possibilidades de observação sobre o bairro. Os jovens que participaram do Grupo 1 destacaram que com um helicóptero é possível: uma visão mais abrangente das dinâmicas do bairro; informações de ritmos, grupos e diferentes realidades das escolas; quantificar numericamente a movimentação de carros, do congestionamento ou dos participantes de uma manifestação.

Em contrapartida, o Grupo 2 acenou para as possibilidades de uma caminhada: verificar alguns detalhes do bairro, dialogar com os seus moradores e suas visões sobre a escola, a movimentação de carros ou o congestionamento; perceber diferentes motivos que levam os moradores a uma manifestação no meio da rua.

Na seqüência, foi feita uma explicação mais sucinta sobre essas diferenças e explicitado que os grupos de diálogo permitiriam uma maior aproximação dos sujeitos que participaram da pesquisa quantitativa, feita na primeira fase do projeto. Ao final do encontro, foi distribuído um pequeno texto, trazendo diferenças sobre pesquisa quantitativa e qualitativa:

Pesquisa quantitativa e qualitativa

Uma vez definido o tema da pesquisa, deve-se escolher entre realizar uma pesquisa quantitativa ou uma pesquisa qualitativa. Uma não substitui a outra: elas se complementam.

As pesquisas qualitativas estimulam os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. São usadas quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

A pesquisa qualitativa parte de questionamentos como: “Quais são os sentidos atribuídos pelos jovens sobre a experiência escolar?” e “Que sentidos os jovens de uma fábrica atribuem para o trabalho e a experiência de produção fabril? ”, por exemplo.

Já as pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos estruturados (questionários). Devem ser representativas de um determinado universo de modo que seus dados possam ser generalizados e projetados para aquele universo.

O objetivo da pesquisa qualitativa é mensurar e permitir o teste de hipóteses, já que os resultados são mais concretos e, conseqüentemente, menos passíveis de erros de interpretação. Em muitos casos geram índices que podem ser comparados ao longo do tempo, permitindo traçar um histórico da informação.

O passo seguinte foi nos aproximarmos das informações sobre a metodologia “grupo de diálogos”. Foi disponibilizado para todos um texto de apresentação da metodologia, seus princípios e diferenças em relação à pesquisa tradicional de opinião.

O principal pressuposto metodológico do grupo de diálogo se encontra na busca de superação da lógica que domina as pesquisas de opinião, que supõem que as opiniões já estão prontas e desconsideram o processo a partir do qual as elas são construídas, processo que ocorre através do contato com informações, dados e argumentos e, fundamentalmente, da troca de idéias com outras pessoas. O enfoque dos grupos de diálogo considera que a opinião não é formada individualmente, mas na interação.

Além disso, um dos princípios fundamentais da metodologia consiste na diferenciação entre a “disputa” e o “diálogo”. O primeiro se orienta pela confrontação das idéias, das divergências de opinião e da tentativa de “vencer” a posição alheia através da capacidade de convencimento. Por sua vez, o “diálogo”, aposta na explicitação das diferentes idéias, como aspectos que podem se complementar, e contribuir para a construção de posições mais coletivas. Não há, em princípio, idéias melhores que outras. Isso não significa diluir as diferenças, mas realizar um esforço para a construção de consensos que expressem o denominador comum acordado por um determinado grupo. Isto porque as políticas públicas não podem expressar posições individuais, mas devem expressar justamente os consensos sociais mínimos, com as suas devidas conseqüências positivas e negativas para os diferentes atores.

A metodologia favorece que as pessoas expressem suas idéias, estabeleçam diálogos, aprofundem a reflexão em relação aos argumentos em jogo e busquem construir posições mais coletivas. Mas como perceber o movimento de um diálogo e os interesses que estão

em jogo? Para que os jovens se apropriassem melhor dos princípios dos grupos do diálogo fizemos um exercício de simulação, em que os jovens deveriam elaborar registros escritos.

Conselho de escola

Objetivo da dinâmica: Perceber as diferenças entre diálogo e disputa na dinâmica de um grupo. Treinar a escrita e as diferentes formas de relatoria de um encontro.

Descrição: O grupo irá dramatizar uma reunião do conselho de uma escola pública, que na ocasião está decidindo sobre a possibilidade de matrícula de um jovem que é deficiente auditivo. A escola não possui consenso sobre o assunto: alguns pais queixam-se sobre o fato de que isso poderá prejudicar a escolarização de seus filhos, professores, por sua vez, reivindicam a contratação de um profissional especializado, posto que não sabem lidar com a especificidade do jovem. Por sua vez, a escola é pressionada pelos órgãos superiores para que a matrícula seja efetuada. O conselho foi chamado para resolver sobre o assunto.

Divida o grupo da seguinte forma: 1 pai representante da Associação de Pais e Mães, 1 diretora de escola, 1 supervisora de ensino, 1 professor de História, 1 representante do grêmio estudantil, 1 pai que veio reivindicar a matrícula de seu filho, que possui uma deficiência mental. Os demais jovens presentes serão observadores e terão a tarefa de registrar por escrito todo o processo de negociação e como foi construída a decisão do conselho.

Peça para que o grupo de personagens dê início à discussão, sendo a diretora da escola àquela que anuncia o motivo para o encontro.

Material: papel e caneta para os observadores.

Tempo: 40'

Os vários tipos de relatos produzidos pelos jovens foram um material rico para refletir sobre o tipo de relato mais adequado para a situação específica dos diálogos. O primeiro relato estava muito centrado na opinião do próprio relator: “A diretora estava morrendo de medo de todo mundo. Não tinha pulso firme para condução do encontro”. Outra relatora centrou esforços em registrar falas literais dos personagens, e uma terceira, descreveu a reunião sem mencionar os participantes e seus diferentes posicionamentos. Essas diferenças foram pontuadas pelos próprios jovens, a partir de uma discussão sobre as diferentes produções. Com a evidência das diferenças foi possível construir um guia para orientar o grupo na elaboração dos registros.

Uma boa sistematização de reunião, por exemplo, deveria conter: a) apresentação da temática em discussão; b) apresentação dos participantes do encontro; c) explicitação das

diferentes posições presentes no grupo; d) pontos e debates que foram centrais para a tomada de posição; e) a posição tomada pelo grupo.

O passo seguinte foi discutir se o encontro simulado por eles consistia em uma reunião de disputa ou de diálogo. E o que eles disseram? Disputa! Isso porque durante a simulação, os participantes incorporaram seus personagens e discursos, mas estavam pouco atentos às argumentações dos demais membros da reunião. O grupo se exaltou e não foi capaz de produzir um consenso que incorporasse as diferentes perspectivas do grupo, tampouco se uniu para reivindicar, por exemplo, melhores condições para que a escola tivesse condições de atender a todos com dignidade e qualidade.

O próximo passo foi conhecer a pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia:– participação, esferas e políticas públicas”, que foi a primeira experiência de utilização da metodologia canadense dos grupos de diálogo no Brasil. A pesquisa buscou ouvir e debater com diferentes jovens brasileiros, entre 15 e 24 anos de idade, os limites e possibilidades da sua participação em atividades políticas, sociais e comunitárias, considerando a importância da inclusão desses sujeitos para a consolidação do processo de democratização da sociedade brasileira. A investigação foi desenvolvida por uma rede de instituições parceiras, entre elas a Ação Educativa.

Foram apresentados alguns resultados gerais da pesquisa e os jovens receberam um *cd-room* contendo o relatório final e os relatórios regionais de resultados¹². Também foram exibidos os materiais utilizados para a realização dos grupos de diálogo.

Dentre eles, merece destaque o caderno de trabalho e o guia do facilitador, que foram lidos e discutidos, tendo em vista a elaboração de ajustes e correções.

Por meio da leitura do caderno de trabalho, os jovens debruçaram-se sobre a dinâmica do encontro, marcada por dois momentos fundamentais: a) Pergunta da manhã: “*considerando os desafios do seu dia-a-dia e seus projetos para o futuro, que coisas você precisa aprender?*”¹³; b) Pergunta da tarde: “*Considerando as necessidades de aprendizagem levantadas, qual o melhor caminho para o ensino médio?*”

Já o guia do facilitador permitiu a constituição de uma dinâmica de ensaios em que cada um pode experimentar diferentes papéis dentro dos grupos de diálogo. Foram realizadas leituras coletivas deste material, ensaios e ajustes. Os jovens adaptaram a linguagem do caderno para termos mais familiares para eles.

¹² Essa produção pode ser acessada no link <http://www.polis.org.br/download/105.pdf>

¹³ Nos grupos que envolveram as comunidades escolares a pergunta foi: “Considerando os desafios do dia-a-dia dos jovens e os planos de futuro, que coisas eles precisam aprender?”

Ao final, montamos as equipes para a realização dos grupos propriamente ditos. Todos puderam experimentar um conjunto de tarefas e, ao mesmo tempo, perceber quais eram suas facilidades e dificuldades de escrita, comunicação, organização e logística. Cada equipe possuía no mínimo as seguintes funções: 1 facilitador de plenária, 1 sistematizador de plenária, 4 sistematizadores de subgrupo e 1 apoio.

Ao término de cada encontro era realizada uma avaliação da experiência. Para tornar esse momento um pouco mais lúdico, simulamos um campeonato de futebol, em que os jovens podiam apontar quais eram as fragilidades de ataque e defesa e definir novas estratégias.

Avaliação da atividade

Objetivo da dinâmica: avaliar o trabalho em equipe e definir estratégias para melhorar a dinâmica de trabalho.

Descrição: Divida a turma em pequenos grupos e solicite que cada um desenhe um campo de futebol no papel de flipchart. Solicite que eles façam 11 pontos no campo que representam jogadores de um time de futebol, que representa a atividade realizada por nós. Peça para que eles avaliem o time e defina um placar para o jogo. Além disso, solicite que os jovens apontem estratégias para melhorar a armação, o ataque, a defesa e o meio de campo.

Material: folhas de flipchart, canetas piloto, canetinhas coloridas.

Tempo: 1h00

Após a realização dos grupos de diálogo o trabalho focou-se na análise dos resultados.

Foi uma etapa importante para que os jovens interpretassem a experiência vivida e pudessem extrair dela elementos para a reflexão sobre os rumos e o currículo da escola de ensino médio. Assim, também foi objetivo da formação permitir que os jovens extraíssem algumas recomendações e propostas oriundas da pesquisa e dos diálogos realizados por eles e, ao mesmo tempo, de suas experiências no âmbito do projeto.

Ao final do trabalho, além de pequenos relatórios sobre os dados quantitativos e qualitativos, os jovens formularam um conjunto de recomendações. Foram retomadas, de maneira mais cuidadosa, as especificidades de cada uma das estratégias de pesquisa utilizadas: quais são as diferenças que os próprios jovens observam nos diálogos e nos resultados quantitativos?

Foram distribuídas cópias de tabelas com resultados das pesquisas quantitativas e solicitamos que os jovens as agregassem em aspectos e dimensões. Por exemplo: tabelas contendo idade, sexo, cor da pele/raça, nível de escolaridade dos pais, renda familiar, experiência de reprovação e evasão escolar, foram agregados como dados de perfil dos estudantes; àquelas que continham a opinião dos jovens sobre seus professores, a estrutura e condições de funcionamento das escolas, sobre seus colegas e sobre si próprios, por sua vez, eram importantes para compreender a avaliação que os jovens faziam da escola e de sua participação no cotidiano da instituição.

Os jovens “brincaram” com os dados e puderam pensar nas descobertas possíveis com o cruzamento de variáveis. Definidas as tabelas importantes para suas perguntas, o passo seguinte foi a leitura de cada uma delas e produção de análise. Foram compostos três grupos que se encarregou de responder às seguintes questões: 1) Qual o perfil dos estudantes pesquisados? 2) Qual a opinião que eles possuem sobre a escola em que estudam? 3) O que os estudantes propõem para o currículo de ensino médio?

Um dos grupos possuía certa dificuldade em analisar os dados e percentagens. Foram eles que assumiram a frente da análise dos perfis e também contaram com maior apoio dos educadores responsáveis pelo processo. As análises foram socializadas e algumas conclusões foram produzidas pelo grupo.

O passo seguinte foi analisar os dados qualitativos. Para isso, o trabalho envolveu o levantamento da percepção dos jovens sobre o que viram e ouviram, análise dos relatórios e a recuperação de falas e consensos.

Foi um trabalho bastante intenso e mobilizador de discussões e de problematização das falas dos diferentes interlocutores dos diálogos, isso porque diferente dos dados quantitativos, em que as estatísticas permitem a produção de dados mais objetivos, os dados produzidos pelos diálogos implicavam numa interpretação das falas e ações dos participantes. Para isso, foi importante que os jovens percebessem quando é que estavam reverberando os resultados dos grupos e quando estavam explicitando suas próprias posições.

Para clarear essas diferenças, uma boa atividade foi desenvolver com os jovens um exercício em grupo para analisar a frequência de falas que defendiam determinados argumentos, utilizando para isso os registros escritos. Além disso, na metodologia dos grupos de diálogo, os participantes – estudantes e comunidade escolar – preencheram um questionário inicial e um outro no final do encontro, os quais apreendiam as opiniões que os participantes possuíam antes e depois dos diálogos a respeito dos três caminhos de

ensino médio: caminho 1: ensino médio deve formar para o trabalho; caminho 2: ensino médio deve formar para o ingresso no ensino superior; caminho 3: ensino médio deve formar para a vida e para a cidadania.

A sistematização dos dados pelos próprios jovens garantiu que eles percebessem o deslocamento das opiniões no curso do diálogo, o que reflete o movimento de construção das opiniões.

O passo final foi produzir as recomendações para o ensino médio. Organizados em pequenos grupos, os jovens formularam suas propostas e fizeram a apresentação em tarjetas. Finalmente, foram realizadas discussões e o grupo conseguiu construir um consenso sobre as recomendações principais:

<u>Diretrizes</u>	<u>Na prática</u>
<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos devem ter maior participação nas decisões tomadas na escola. - O Ensino Médio deve conter os 3 caminhos, conciliado com a grade curricular existente. - O Ensino Médio deve estimular o aprendizado dos estudantes, que deve ser adaptado à sua realidade. - O Ensino Médio deve desenvolver o senso crítico e a ética. - Valorização da cultura e das múltiplas linguagens como instrumento prático de conhecimento. - Orientação para o mercado de trabalho e construção de estratégias 	<ul style="list-style-type: none"> - O 1º ano do Ensino Médio deve ser focado no desenvolvimento do pensamento crítico; o 2º ano deve ser focado no mercado de trabalho e o 3º ano, focado na preparação para o vestibular. - O Grêmio deve ser mais participativo: realizar debates e grupos de diálogo com alunos, professores e direção sobre as decisões a serem tomadas. - Aumentar o tempo de estudo dos alunos no ensino médio (seja mudando a carga horária, seja na implementação do 4º ano). - Os professores devem ser melhor qualificados.

para a inserção do aluno.	
---------------------------	--

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado ao longo dos seis meses foi positivamente avaliado pelos participantes e também pela equipe da Ação Educativa. Em primeiro lugar, moças e rapazes destacaram o ineditismo e a importância de refletir sobre o tema da educação nas suas vidas e a possibilidade de estender esta reflexão para outros jovens.

Embora, em sua maioria, já tivessem concluído a educação básica (ensino médio), a possibilidade de pensar sobre os sentidos e significados da instituição escolar e da escolarização nunca havia sido objeto de uma ação formativa intencional.

A aproximação de informações, conhecimentos, debates e histórias sobre a educação e também do cotidiano das escolas parceiras possibilitou um rico aprendizado e a possibilidade de que os jovens refletissem sobre suas próprias trajetórias educativas, reposicionassem suas opiniões sobre a escola e se engajassem nas ações previstas no projeto Jade.

Uma das participantes chegou a afirmar que a reflexão sobre a educação, como a que ocorreu ao longo do projeto, teria contribuído para que ela assumisse compromissos maiores com sua formação e sua trajetória no ensino médio. Outros jovens, na avaliação final do processo, passaram a defender a escola e seus objetivos, destacando, contudo, os enormes problemas e dificuldades que esta instituição enfrenta em decorrência de seu desprestígio e da ausência de recursos.

A legislação que versa sobre a educação pública era desconhecida dos participantes, assim como os objetivos de cada nível de ensino era compreendida de maneira bastante intuitiva por eles e elas.

O contato com essas informações foi destacado como um dos grandes méritos do projeto visto que os participantes puderam compreender as instâncias responsáveis pelo estado de coisas em que se encontra a educação brasileira, em especial àquela que é destinada aos jovens.

No Brasil, na literatura sobre a educação tem se tornado senso comum a afirmação de que os processos educativos devem tomar os estudantes jovens como sujeitos e não

meros espectadores. Contudo, a constatação de que os participantes do projeto jamais tinham refletido sobre os sentidos e significados da escola na sociedade, acena para o quanto o engajamento e empoderamento dos jovens sobre sua trajetória escolar ainda se constitui como um desafio. A avaliação dos jovens apontou a potencialidade dessa reflexão na construção de um engajamento de moças e rapazes numa trajetória mais positiva de formação e delineamento de novos percursos formativos.

Além disso, a definição de atividades práticas monitoradas pela equipe do projeto Jade também foi destacada pelos participantes como uma decisão acertada. Em especial os grupos de diálogo fizeram com que os jovens pudessem (e fossem preparados para) desenvolver trabalhos em grupo e em equipe, a moderação de diálogos, a comunicação e expressão e a construção e formulação de propostas a partir de informações sistematizadas e organizadas.

Alguns jovens definiam-se como “tímidos” e outros tinham dificuldade de expressar-se oralmente. Por sua vez, entre aqueles com menos desenvoltura para o a fala era possível perceber uma impaciência para a “escuta”. Ora, no grupo de diálogo a tarefa fundamental destes jovens era justamente contribuir para que os outros falassem e expressassem sua opinião; e a fala dos “jades” se constituiu num exercício permanente de orientações, animação de outros jovens e moderação com vistas à construção de um consenso.

No projeto, o que mais aprendi foi conduzir um diálogo e a falar em público, a partir do domínio de conhecimentos.

Aprendi a ouvir e a falar na hora certa, sem afrontar os demais participantes. Aprendi a me expressar corretamente.

Nervosismos e complicações com a moderação dos encontros nas escolas foram partilhados uns com os outros e, aos poucos, os jovens foram elaborando estratégias para atuar com desenvoltura e exercitar a fala pública. Era visível que, na medida em que se apropriaram mais da discussão sobre a educação, sobre a legislação existente e sobre as políticas educacionais, mais estavam aptos para o diálogo.

Também foi importante para a escuta e para a fala a ruptura com determinados estereótipos sobre os “alunos e professores desinteressados”. Afinal de contas, não ouvimos aqueles que nutrimos desconfiança e não nos reportamos aqueles que *a priori*

estão deslegitimados a formular proposições e idéias. “Entender o lado de lá” e ver-se reconhecido com autoridade para propor e contribuir no debate educacional sem dúvida foi um passo importante para que os jovens do Jade se sentissem mais empoderados para tratar sobre a educação de ensino médio.

Merece destaque, por fim, a capacidade dos jovens de produzirem textos escritos. Ao longo do processo de formação, os participantes se depararam com diferentes formas de expressão – filmes, músicas, poemas, excertos de contos e textos teóricos etc – também foram produzindo seus textos coletivos. Cada atividade buscou oferecer novas aproximações com a escrita. Os textos produzidos por eles foram debatidos e analisados; suas diferenças eram objetos de reflexão e de formulação de guias e roteiros para novos textos.

A possibilidade de que a escrita estivesse conectada às atividades práticas realizadas pelos jovens foi central para que eles e elas se animassem na produção e percebessem a importância de seus textos. A escrita dos jovens não era apenas um exercício, mas parte essencial da prática, e da produção de conhecimentos almejados pelo projeto.

No momento da produção de relatórios sobre a pesquisa quantitativa, por exemplo, os jovens se depararam com perguntas como: Qual o objetivo de agrupar estes ou aqueles dados? Que informações queremos descobrir? Quais dados devemos agrupar? Qual a importância de estabelecer o perfil?

Por sua vez, sem uma boa sistematização dos encontros dos grupos de diálogo dificilmente poder-se-ia analisar os motivos que levaram um grupo a mudar ou modular suas opiniões frente às necessidades de aprendizagem ou ao currículo de ensino médio.

Outro aspecto que merece destaque foi o reconhecimento, por parte dos professores, da qualidade da intervenção dos jovens e de seu avanço ao longo do percurso formativo. Esta percepção produziu, sobretudo, um novo olhar para a potencialidade dos jovens que, em geral, permanece invisível no cotidiano da escola em que os jovens permanecem os converte apenas em alunos.

Foi um processo que também enfrentou dificuldades, como por exemplo, a flutuação da presença dos jovens ao longo dos encontros de formação e a evasão de alguns deles. Também tornou-se difícil realizar visitas e saídas a campo para conhecer outras realidades escolares diferentes das escolas públicas, como inicialmente era desejado. A articulação da formação com uma atuação prática dos jovens foi uma estratégia interessante, mas que circunscreveu bastante o campo da formação.

ANEXO 1

1. Informações sobre o professor:

Sexo: () F () M

Disciplina: _____

Há quanto tempo está na escola? _____ E no ensino médio?

2. Questões:

a) Considerando os jovens da escola em que você trabalha, cite 3 adjetivos que na sua opinião melhor caracterizam os estudantes:

1. _____

2. _____

3. _____

b) Para você, que questões ou problemas tem preocupado bastante os jovens:

1. _____

2. _____

3. _____

c) Na sua opinião, a escola é um espaço em que essas questões e temáticas são discutidas?

() sim () não

d) Na sua opinião, há diferenças entre os estudantes que estão na 5a e 8a série do ensino fundamental e aqueles que estão no ensino médio?

() sim () não

e) Cite até três aspectos que na sua opinião marcam a diferença entre esses dois grupos:

1. _____

2. _____

3. _____

f) Cite até três aspectos mais positivos de se trabalhar com estudantes que estão no ensino médio?

1. _____

2. _____

3. _____

g) Cite até três aspectos que são, na sua opinião, desafiadores para um professor que leciona para estudantes do ensino médio?

1. _____

2. _____

3. _____

AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO!